

## FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Carmen Ballão Watanabe [1]  
Vicente Estevam Sandeski [2]  
Adnilra S. M. S. Sandeski [3]



OLAM – Ciência & Tecnologia, Rio Claro, SP, Brasil – ISSN: 1982-7784 – está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

**Palavras-chaves:** Sensibilização. Ética ambiental. Educação Ambiental. Educação à Distância. Formação de Educadores Ambientais. Prática Pedagógica.

Os dias atuais, ironicamente, parecem apresentar respostas e soluções para todos os problemas que emergem, demonstrando praticidade e eficiência impar, como os sistemas eficientes de produção. Uma lógica mecanicista e produtiva em ação, reproduzindo essa concepção pragmática nos diversos contextos e setores da sociedade. A racionalidade moderna é a que vem justificar ações e finalidades do proceder humano como, por exemplo, o consumismo.

Diante desta constatação, a sociedade se depara com algumas indagações inerentes aos seus hábitos e atitudes. Como distinguir a real necessidade da necessidade criada, se a mercadoria usada é ao mesmo tempo um objeto (útil) e um signo (ostentação)? Padece-se em uma “era das incertezas”, caracterizada pelo desajuste do homem, de suas relações e valores, envolve o ser humano em momento de ativismo, do ter, do consumismo do descartável, do imediatismo, do produto, sendo o homem conceituado como mais um produto entre tantos outros.

Estes novos paradigmas desconstroem os conceitos chamados “tradicionais” que, de repente, estão sendo questionados e substituídos por novos valores. A sociedade se apresenta esgarçada, cansada, fragilizada, violenta e corrupta. Ao mesmo tempo em que se constrói a civilização, implanta-se a barbárie. Neste cenário de construção de desconstrução, surgem questionamentos, de como será

oferecida uma formação integral ao sujeito, e quais as condições desse momento. Fica a impressão de que se “rema contra a maré”, uma sensação de impotência diante de tudo.

Os novos paradigmas concebidos pela sociedade na modernidade apresentam, simultaneamente, ao homem novas concepções de mundo. Com isso, novos comportamentos e valores entram na vida humana sem serem questionados e refletidos, isto é, não ocorre uma auto-reflexão instaurada pela consciência humana no decurso da experiência histórica, advindo da ausência de reflexão. O homem se encontra em um novo cenário, um novo ritmo sendo implementado na história que, segundo Caravantes (2000), implicará mudanças:

O que muitos dirigentes, tanto do setor público como do privado, ainda não perceberam é que a aventura humana está no limiar de sua história. E como acontece em qualquer período de transição, certo número de instituições irá desaparecer, outras serão transformadas, outras ainda crescerão e se desenvolverão. O certo é que todas serão afetadas de uma forma ou de outra pela nova situação global, e viver sob tão grandes mudanças requer flexibilidade e sabedoria. (CARAVANTES, 2000, p.49).

A sociedade encontra-se em uma encruzilhada com senso de urgência. Manter o ritmo atual, sem ponderações e correções, poderá ser mortal. O repensar dos valores atuais está se tornando uma necessidade vital, não podendo ser adiada e delegada, pois está conectada à sobrevivência do homem enquanto espécie.

Nessa conjuntura racionalista e mecanicista, o professor e os sistemas educativos, não podem ser descontextualizados, estão e fazem parte de um momento de modernidade onde tudo parece e se refaz numa rapidez impar, fugaz, onde tudo ganha novo sentido sempre e a partir do novo, moderno, diferente.

É nesse cenário de mudança que surgem novos questionamentos, novas indagações, do papel do professor, da escola, e principalmente da formação dos professores. Como responder a todas essas questões que passam a existir. E, como introduzir uma formação, para que estes atores se tornem os novos líderes de

mudanças que a sociedade esta a demandar, enquanto processo democrático de mediação dos interesses e conflitos estabelecidos entre o homem e a natureza?

A participação social na questão ambiental pressupõe a aquisição de conhecimentos e habilidades pelo indivíduo e pela coletividade que lhes permitam intervir no planejamento e execução de ações referentes à qualidade ambiental. Como diria Guimarães (2000, p. 29), “o cidadão necessita conhecer a totalidade para ser um agente social nesse mundo complexificado”.

Portanto, no atual contexto, falar em formação de educadores requer uma postura atenta a todas as alterações do meio habitado pelo homem e a valorização da ética ambiental, que propicie o desenvolvimento de posturas criativas pautadas em ações humanas substanciais, e não mais momentâneas derivadas do modelo consumista.

Neste contexto, a Educação Ambiental assume um caráter inovador na promoção de mudanças nos hábitos consumistas e atitudes individualistas, tidos como corretos pela maioria da sociedade contemporânea. Este conceito educacional absorve uma esfera educativa contínua que deve atingir o indivíduo e a coletividade, conduzindo governantes, empresários, educadores, estudantes, cientistas, enfim, todos a rever suas relações com o meio ambiente.

Nesta perspectiva, um dos vieses apontado pelos pesquisadores para responder as incertezas do momento, tem sido a atualização permanente dos educadores como, também, das instituições de ensino.

As mudanças que estão ocorrendo na sociedade tecnológica afetam a vida e as relações como um todo. Os avanços na maioria obtidos pela humanidade, os benefícios da evolução, do progresso, da ciência e da tecnologia, mudam a forma de compreender, viver, trabalhar e alteram a forma do homem apreender e educar.

A utilização das novas tecnologias não garante, por si só, efeitos nos educando e nos processos educativos. Hão de estar amparadas em teorias que as sustentem e justifiquem na sua utilização. O grande desafio é desenvolver uma educação ambiental que seja crítica e inovadora, em todos os níveis e modalidades da Educação.

A educação ambiental na modalidade da Educação à Distância conduz o processo de ensino aprendizagem, redefinindo a postura do professor e dos alunos. Ambos passam a ter papéis equânimes focados na edificação de um saber que transita fluentemente e livremente por todas as áreas.

A percepção da prática pedagógica na modalidade de Educação à Distância, desenvolvida no Instituto Federal do Paraná (IFPR), aponta algumas características relevantes que não inviabilizam a formação enquanto modalidade e qualidade do ensino, pelo contrário, produzem assertivas que induzem à reflexão, considerada fundamental para o pleno desenvolvimento do processo de sensibilização ético-ambiental.

Tal prática aponta possibilidades para uma formação continuada que, sem dúvida, possibilitará uma maior versatilidade e dinâmica nos ambientes virtuais compartilhados, permitindo a configuração de diferentes cenários formativos, que combinados podem proporcionar uma aprendizagem mais significativa. Considerando a urgência da formação de educadores ambientais no País, a Educação à Distância torna-se altamente significativa por ser um processo educativo que atinge, com maior rapidez, um elevado número de educadores.

Diante da necessidade da existência de uma interação constante, para que se desenvolva o conhecer em prol do respeito mútuo, entende-se que, segundo Freire (2004, p.9), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

O ato de ensinar pressupõe toda uma ação desencadeada em torno do próprio sujeito que se motiva ao ato de ensinar, visto ações e conhecimentos existirem anteriormente, como também isso se sucedera ininterruptamente em atos sucessivos, isso ilustrando, “em uma forma de espiral”, e a participação do sujeito na história em um processo de aprendizagem é um ato de liberdade. O ato de ensinar e aprender não se distinguem, ele torna-se uma só ação.

A atualidade possibilita novos desafios ao dispomos das novas tecnologias de informação como recurso que encurta distâncias, facilitando a formação continuada dos educadores ambientais.

A formação inicial e continuada dos educadores necessita ser fundamentada no princípio do “inacabamento”, pois como diz Freire (2004, p.55), somos seres inacabados, um constante vir a ser que faz e refaz em todas as relações e ações do ser humano. Essa perspectiva do inconcluso possibilita a utopia, sonhar um mundo melhor com menos desigualdades numa relação dialógica.

De acordo com Jacobi (2003), o indivíduo deve ser preparado para melhorar as condições de vida e proteger o meio ambiente. Nessa perspectiva Jacobi (2003, p.23), comenta que “a educação ambiental deve ser acima de tudo um ato político voltado para a transformação social.” Dessa maneira, entende-se que uma mudança no modo de agir humano, pode ser capaz de gerar a substituição do paradigma mecanicista pela visão holística, a qual prioriza o relacional entre o homem, a natureza e o universo.

Para tanto, é necessária maior autonomia dos educadores e dos educando que contribua com a valorização do meio ambiente como um todo. A esse respeito Freire (2004, p.51) comenta que:

nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criatividade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, com intuir. O importante, não resta

dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica.

Portanto, o educador ambiental deve estimular o desenvolvimento da sensibilidade dos educandos, para que desenvolvam plenamente a capacidade de pensar e agir com respeito a todas as espécies do planeta, inclusive a humana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência profissional de formação de educadores, na modalidade de educação à distância praticado no IFPR, aqui trazida para alçar algumas reflexões, ponderou algumas questões:

A formação inicial e continuada dos educadores no século XXI tem caráter universal, mudando percepções, compreensões e ações. Inúmeras situações adversas às esperadas e desejadas fazem parte do contexto humano, sustentado por um aparato tecnológico e ideológico. O homem está rodeado de situações hostis que permeia a sociedade, uma escalada social de agressão e desrespeito a vida, a normalidade e o descaso permeando diversos setores do convívio humano.

Há de se pensar que tipo de educação é necessário para esse momento. Qual o papel da educação nesse cenário? E segundo Delors (2005, p.8) “sob diversos aspectos a educação continua sendo o pulso da sociedade. Ela reflete as tensões de hoje e as aspirações de amanhã”, qual o saber necessário requerido para essa época? Qual o saber para que o ser humano não seja tratado e abordado como mais um produto que precisa ser reciclado, trocado ou substituído? E que esta mentalidade consumista não venha a ser aplicada ao ser humano.

Estas e muitas outras questões devem ficar como um constante questionamento na formação dos educadores, das possibilidades permanentes de

formação, opondo-se aos modelos conformistas, excludentes. Sendo os ambientes de aprendizagem os locais de reflexão e o espaço propício para o desenvolvimento da sensibilidade, da dignidade, da ética e da justiça no ser humano, é necessário que educadores e instituições educacionais disponham de habilidades e estratégias para o desenvolvimento das atividades formativas, que conduzam à humanidade à sensibilização ético-ambiental.

## REFERÊNCIAS

CARAVANTES, G. **O ser total: talentos humanos para o novo milênio**. Porto Alegre: AGE, 2000.

DELORS, J. (Org.). **Educação para o século XXI**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GARCÍA, C. M. La formación inicial y permanente de los educadores. In: Consejo Escolar del Estado (2002). **Los educadores en la sociedad del siglo XXI**. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte/Universidad de Sevilla, p. 161-194.

GUIMARÃES, M. **Educação ambiental: no consenso um embate?** Campinas: Papirus, 2000.

JACOBI, P. Educação ambiental e cidadania. In: CASCINO, F.; JACOBI, P.; OLIVEIRA, J. F. (orgs). **Educação, meio ambiente e cidadania. Reflexões e experiências**. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo, 2003.

---

### Informações sobre os autores:

[1] Carmen Ballão Watanabe – <http://lattes.cnpq.br/7689036138413559>  
Instituto Federal do Paraná/IFPR  
Contato: [carmen.watanabe@ifpr.edu.br](mailto:carmen.watanabe@ifpr.edu.br)

[2] Vicente Estevam Sandeski – <http://lattes.cnpq.br/2291510727070681>  
Instituto Federal do Paraná  
Contato: [vicente.sandeski@ifpr.edu.br](mailto:vicente.sandeski@ifpr.edu.br)

[3] Adnilra S. M. S. Sandeski  
Instituto Federal do Paraná  
Contato: [adi.sandeski@ifpr.edu.br](mailto:adi.sandeski@ifpr.edu.br)